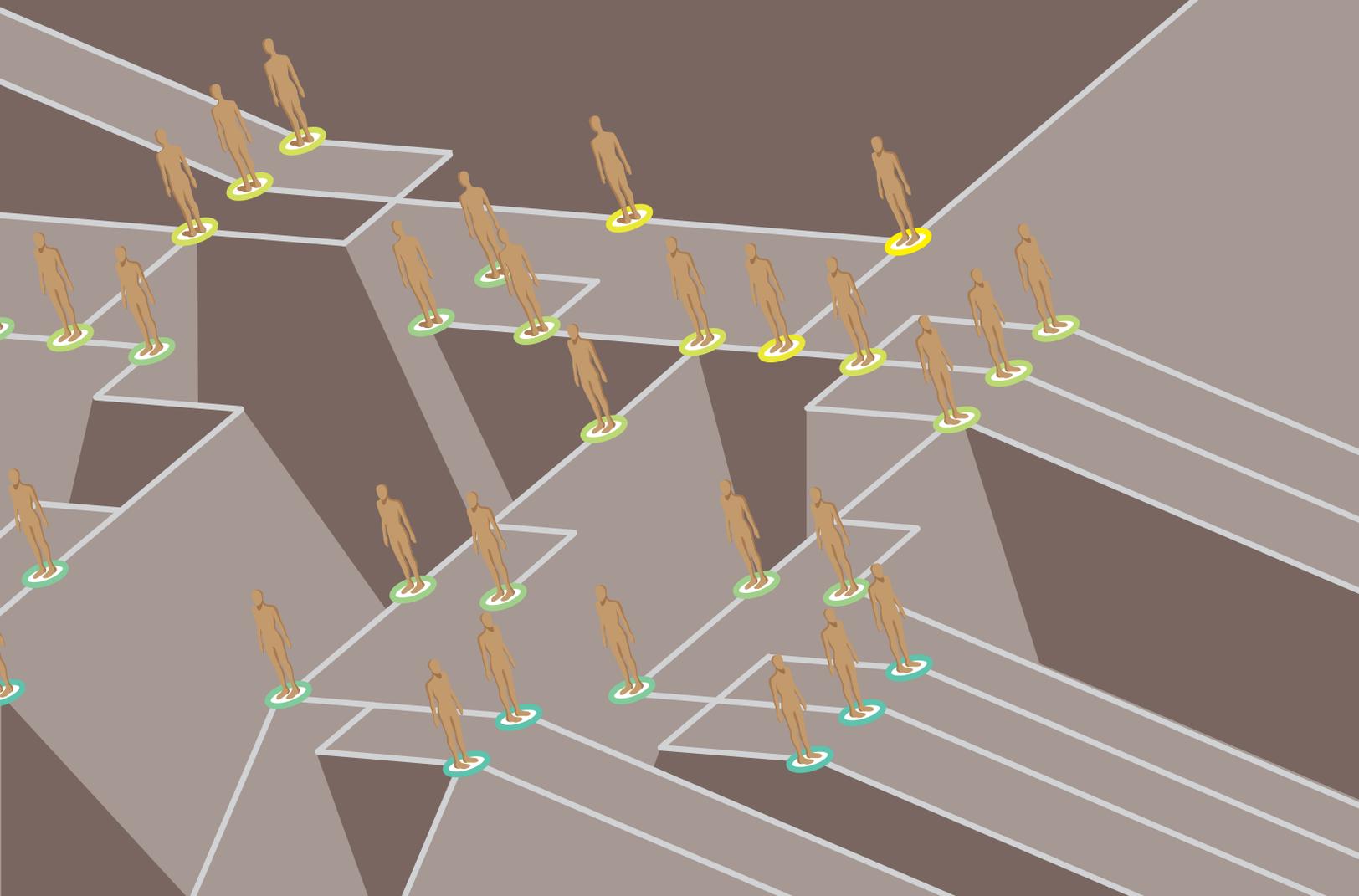


METODOLOGIA EAD

Claudia Murta



ne@ad

Universidade Aberta do Brasil
Universidade Federal do Espírito Santo

História e Culturas dos
Povos Indígenas
Especialização

A EAD, transgredindo a relação espaço/tempo escolar condicionada pela modernidade, surge como uma possibilidade de repensar processos educativos não fundamentados em modelos tradicionais. Assim pensada, a EAD se afasta do modelo estandardizado e massificado de ensino, propiciando interações de diferentes sujeitos, em diferentes contextos temporais/espaciais. A proposta da EAD pode implicar em um novo estilo de pedagogia que favorece as aprendizagens personalizadas, favorecendo a aprendizagem coletiva em rede. Cada participante do curso, na modalidade EAD é um produtor de conteúdo. O cursista vai trabalhar com o conteúdo não como receptor passivo, mas como um transformador e autor do conteúdo. A fim de abordar esses temas importantes da metodologia EAD, optamos por referenciá-los em três estudos de caso de metodologia de ensino e aprendizagem distintos.

METODOLOGIA EAD

Claudia Murta

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Núcleo de Educação Aberta e a Distância

METODOLOGIA EAD

Claudia Murta

Vitória
2011

Presidente da República
Dilma Rousseff

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Universidade Aberta do Brasil
Celso Costa

Universidade Federal do Espírito Santo
Reitor
Rubens Sergio Rasseli

Vice-Reitor e Diretor-Presidente do Ne@ad
Reinaldo Centoducatte

Pró-Reitor de Graduação
Sebastião Pimentel Franco

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
Francisco Guilherme Emmerich

Pró-Reitor de Extensão
Aparecido José Cirillo

Diretora-Administrativa do Ne@ad
e Coordenadora UAB
Maria José Campos Rodrigues

Diretor-Pedagógico do Ne@d
Júlio Francelino Ferreira Filho

Coordenação do Curso Especialização em
História e Culturas dos Povos Indígenas
Robson Loureiro

Revisão de Linguagem
Regina Egito

Design Gráfico
LDI - Laboratório de Design Instrucional

Ne@ad
Av. Fernando Ferrari, n.514 -
CEP 29075-910, Goiabeiras -
Vitória - ES
(27) 4009 2208

LDI Coordenação
Heliana Pacheco
Hugo Cristo
José Otavio Lobo Name
Ricardo Esteves

Ilustração
Lidiane Cordeiro

Capa
Thiago Dutra
Lidiane Cordeiro

Editoração
Thiago Dutra

Impressão
Dossi Editora Gráfica

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

M984m Murta, Claudia.
Metodologia EAD / Claudia Murta. - Vitória : Universidade Federal do
Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e à Distância, 2011.
52 p. : il.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-89858-77-9

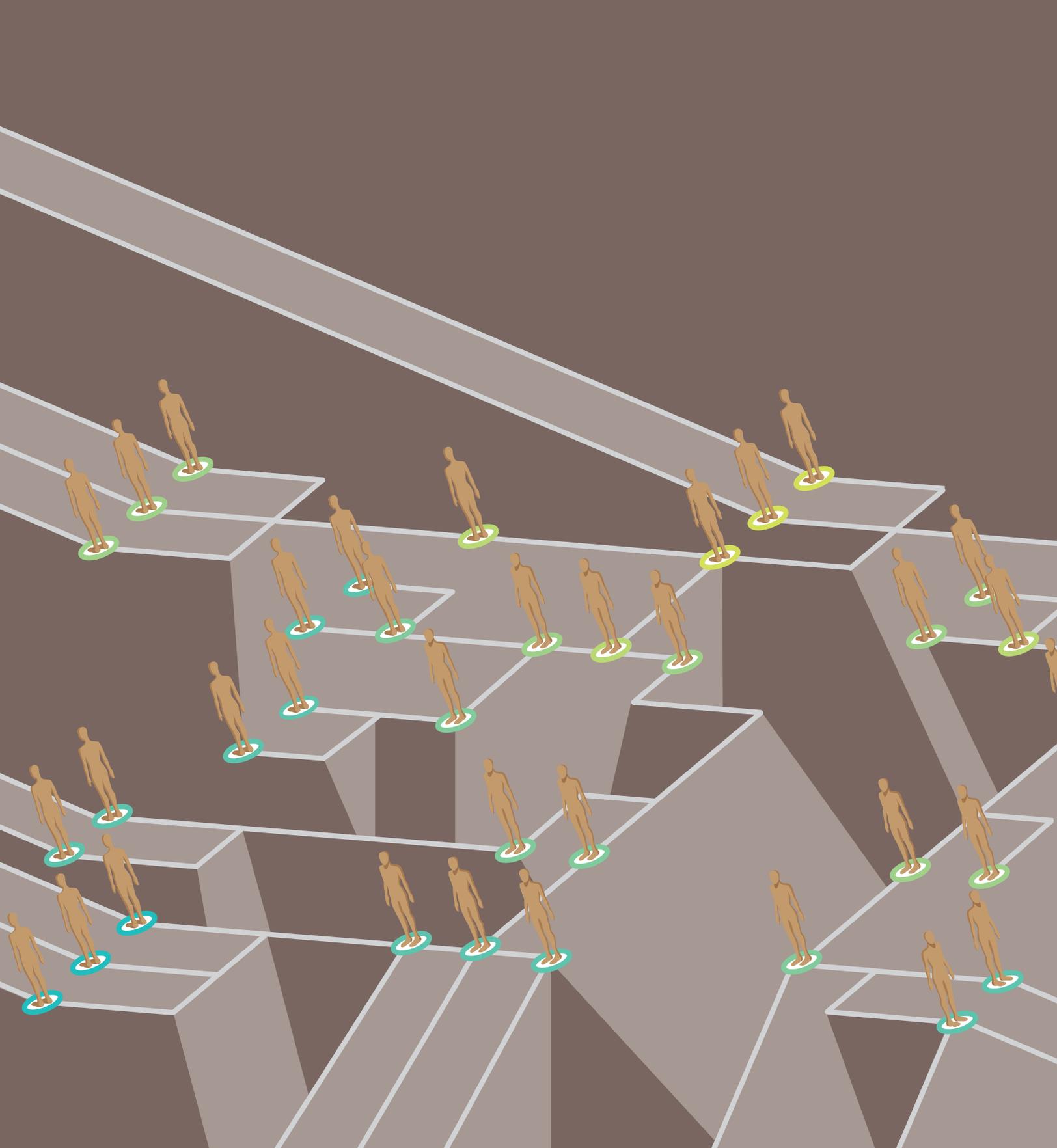
1. Educação à distância - Metodologia. 2. Ensino. 3. Aprendizagem. I. Título.

CDU: 37.018.43



Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir deste trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam ao autor o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

A reprodução de imagens nesta obra tem caráter pedagógico e científico, amparada pelos limites do direito de autor, de acordo com a lei nº 9.610/1998, art. 46, III (citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra). Toda reprodução foi realizada com amparo legal do regime geral de direito de autor no Brasil.



Sumário

| | | |
|-------------------------------|-----------|-----------------|
| Metodologia EAD | 5 | |
| Um caso na Filosofia | 7 | módulo 1 |
| Apresentação | 8 | |
| Introdução | 9 | |
| Orientação | 10 | |
| Desenvolvimento | 12 | |
| Avaliação/Leituras | 19 | |
| Glossário | 20 | |
| Um caso na Psicanálise | 21 | módulo 2 |
| Apresentação | 22 | |
| Introdução | 22 | |
| Orientação | 25 | |
| Desenvolvimento | 27 | |
| Avaliação/Leituras | 34 | |
| Um caso na Educação | 35 | módulo 3 |
| Apresentação | 36 | |
| Introdução | 37 | |
| Orientação | 38 | |
| Desenvolvimento | 41 | |
| Avaliação/Leituras | 51 | |

Metodologia EAD

A INTRODUÇÃO À METODOLOGIA DE trabalho da Educação Aberta e a Distância deve ser antecedida de uma reflexão sobre metodologia de ensino e de aprendizagem. A proposta deste módulo é apresentar alguns modelos metodológicos de ensino e de aprendizagem para que o aluno possa perceber o contexto em que a metodologia EAD se insere.

Devemos ter sempre em mente que a Metodologia EAD está inserida em uma proposta de ensino e de aprendizagem na qual o aluno não tem a presença constante do professor para guiá-lo em sua busca pelo conhecimento. Neste módulo, apresentamos questionamentos de propostas metodológicas de ensino nas quais o professor é situado como o mestre, que vai ensinar o que o aluno deve aprender. Esse tipo de concepção gera, no estudante, uma atitude passiva diante do processo de aprendizagem; a postura que ele assume é a do não-saber, enquanto que a postura assumida pelo mestre assume é a do saber. Essa tensão entre as partes não ocorre na metodologia EAD, visto que não existe ninguém que ocupe o lugar de mestre e possa representar o papel inibidor nesse processo.

Pensar a EAD implica buscar compreender a relação entre o processo de escolarização e a reprodução de economias de poder e privilégio na sociedade mais ampla. Significa, ainda, olhar a

educação na perspectiva do alcance de objetivos que deixem claras as posições político-metodológicas da proposta educativa que se quer desenvolver. Nessa ótica, a EAD deve ser compreendida como uma dimensão da educação, que pode contribuir para mudanças paradigmáticas, que superem a escola tradicional. Ressalte-se, a esse respeito, a superação de um dos paradigmas de sustentação da maioria de nossos modelos pedagógicos: o aluno como receptor de conhecimento.

Na metodologia EAD, o aluno deve ter uma postura ativa diante do processo de ensino e de aprendizagem; ninguém pode fazer isso por ele, já que não existe a figura centralizadora do mestre. A EAD faz parte de uma cultura pós-moderna, na qual o mestre centralizador do processo foi destituído de seu lugar e, em substituição a este, criou-se uma rede de ensino e aprendizagem na qual todos os atores são fundamentais para a manutenção do processo. Integram essa rede o professor elaborador de material didático, a equipe multidisciplinar, o professor formador, o tutor e o aluno. Sendo assim, quando pensamos em metodologia EAD, devemos pensar também na metodologia de aprendizagem do aluno.

O modelo de EAD adotado pela UFES é semipresencial. Nele está incluído material didático impres-

so, multimídia, suporte tecnológico em rede com o apoio da plataforma moodle, tutoria a distância via rede e tutoria presencial. O aluno, ao deparar com essa estrutura de ensino e de aprendizagem, pode ter dúvidas sobre a quem se reportar. Sua primeira referência é o material didático que ele receberá assim que a disciplina for liberada para ele.

No material didático, construído de forma dialógica, o aluno recebe orientações de como estudar. Com o material em mãos, a primeira ação do aluno deve ser a de organizar sua metodologia de estudo. No material didático destinado à metodologia EAD, são apresentadas algumas metodologias de ensino e aprendizagem visando à percepção da EAD, pelo aluno, como um processo diferenciado de ensino e de aprendizagem, no qual cabe a ele elaborar a própria metodologia de aprendizagem.

Isto não significa, porém, que o aluno estará sozinho nesse processo. Ele tem auxílio direto da tutoria, com quem pode partilhar suas escolhas e, sempre que precisar, buscar ajuda para o processo de aprendizagem. O modelo adotado pela UFES dispõe de um sistema variado de tutoria que envolve: tutores presenciais à disposição do aluno em encontros presenciais previamente agendados; tutoria a distância, que pode orientar o aluno por meio da plataforma moodle; e acompanhamento tutorial do professor formador, responsável pela aplicação da disciplina, que orienta tutores e alunos. O aluno não está e não deve ficar sozinho nesse processo de aprendizagem.

Para apresentar o tema da metodologia EAD, escolhemos o modelo de estudo de caso. Assim,

descrevemos três casos cujas propostas metodológicas de ensino e de aprendizagem diferem. Pretendemos, com esse formato, que o aluno perceba a multiplicidade de propostas envolvidas no processo de aprendizagem, identificando aquela em que se enquadra a metodologia EAD.

- No primeiro módulo, apresentamos “Um caso na Filosofia”. Utilizamos um diálogo de Platão, o Mênon, no qual Sócrates ilustra seu método de ensino.
- No segundo módulo, descrevemos “Um caso na Psicanálise”. Partimos da metodologia de ensino proposta pelo psicanalista Jacques Lacan.
- No terceiro módulo, disponibilizamos “Um caso na educação”. Apresentamos a metodologia de ensino proposta pelo professor de literatura francesa, Joseph Jacotot, em comparação com o método Paulo Freire.

Os primeiros passos para a aproximação com o tema a ser abordado na disciplina devem ser a leitura do programa juntamente com o estudo do mapa de atividades, ambos disponibilizados na plataforma moodle.

Sites Recomendados:

www.neaad.ufes.br/bibliotecas

acessado em: MAI/2010

www.dominiopublico.gov.br

acessado em: MAI/2010



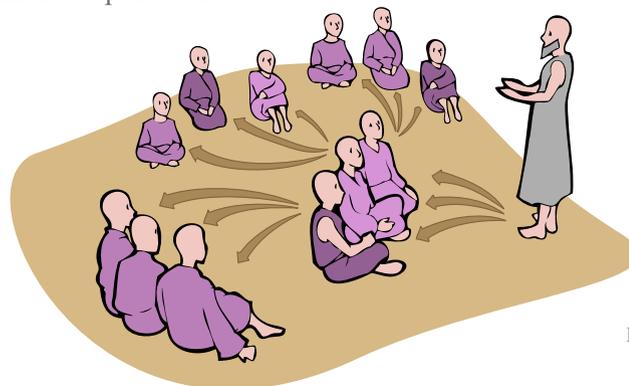
Um caso na filosofia

A proposta dessa análise de caso visa à comparação do tipo de mestria apresentado pelos Sofistas com o tipo de mestria apresentado por Sócrates a fim de anotar as implicações de ambas posturas metodológicas para o processo de aprendizagem e suas ressonâncias para a postura do professor em EAD.

Apresentação

A preocupação do Homem com o ensinar e o aprender existe desde a Antigüidade Clássica, com os filósofos gregos. Assim, escolhemos como ponto de reflexão inicial para nosso curso a orientação filosófica, em particular a que se refere à transmissão de saber iniciada por Sócrates.

Por que escolher a filosofia de Sócrates para iniciar um questionamento sobre metodologia no contexto específico da educação aberta e a distância?



Infográfico 1

Nossa reflexão focalizará os conceitos discutidos por Sócrates no diálogo do Mênon de Platão. Esse diálogo nos permite trabalhar a questão relativa ao que se pode ensinar e aprender, já que apresenta um paradoxo segundo o qual é impossível ensinar algo que o outro já não saiba. Com base nesse paradoxo, podemos nos perguntar sobre o papel do professor diante dos alunos ou, mais ainda, sobre princípios do processo de aprendizagem. Seguindo as palavras do Mênon, o paradoxo é apresentado da seguinte forma:

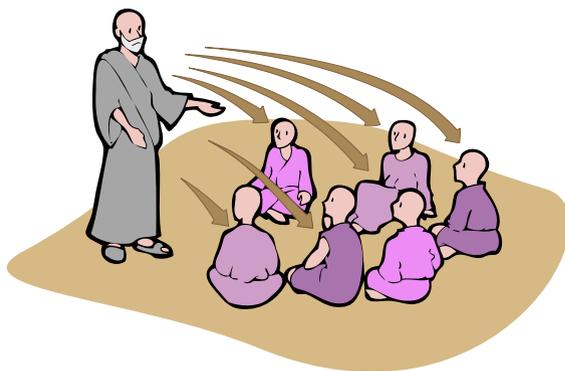
“ E de que modo procurarás, Sócrates, aquilo que não sabes absolutamente o que é? Pois procurarás propondo-te que tipo de coisa, entre as coisas que não conheces? Ou, ainda que, no melhor dos casos, a encontres, como saberás que isso que encontraste é aquilo que não conhecia?”

A reflexão sobre o paradoxo pode nos trazer elementos para abordarmos a metodologia EAD, na medida em que tal metodologia

apresenta uma proposta educativa que se afasta daquela contemplada no ensino tradicional. Na EAD, o professor assume uma postura diferenciada. Uma das funções desse novo tipo de professor é de não entrar na relação com o aluno como aquele que possui o saber.

Introdução

Aquele que possuía o saber, o sábio, na Antigüidade era denominado Sofista. Os sofistas se posicionam como detentores do saber. Contudo se comprometem não com a verdade, mas sim com a opinião. Em seus discursos, os sofistas apóiam-se sobre julgamentos de valor comuns, com o objetivo de criar sobre eles um consenso e gerar adesão - os termos são: consenso e adesão.



Infográfico 2

Os Sofistas foram os nossos primeiros professores. Fazendo uma analogia com o modelo contemporâneo, a transmissão do saber sofisticado corresponderia ao modelo da conferência e da assembléia. Os Sofistas eram os conferencistas. Procuravam provocar reações prazerosas nos espectadores, utilizando técnicas de sedução a fim de transmitir conhecimentos. Ao contrário do que propõe Sócrates, o discurso sofisticado se apóia na presença do orador para induzir o espectador, por meio de sugestão, à reprodução do pensamento.

Em contrapartida, para que seu interlocutor elaborasse seu próprio conhecimento, Sócrates se servia do diálogo. Ele não trabalhava

O que essas duas posturas podem nos ensinar quanto à postura do professor em EAD?

O saber é algo que se pode adquirir ou é algo que já possuímos, mas esquecemos?

Existe alguma coisa que precisa realmente ser ensinada?

A relação entre Sócrates e os Sofistas mostra que existem pelo menos duas posturas distintas diante da aquisição do conhecimento e do saber.

- ↳ Uma impõe a presença do mestre que transmite o conhecimento;
- ↳ A outra apresenta o mestre como aquele que acompanha o aprendiz.

O que essas duas posturas podem nos ensinar quanto à postura do professor em EAD?

O saber é algo que se pode adquirir ou é algo que já possuímos, mas esquecemos?

Existe alguma coisa que precisa realmente ser ensinada?

com grandes assembléias, mas com pequenos grupos, em geral um de cada vez. No momento em que o interlocutor assimilava o conhecimento, o diálogo terminava. Esse método, denominado **Maiêutica**, era dividido em três momentos. Partia de uma negativa, com Sócrates dizendo nada saber; num segundo momento, utilizando-se da ironia, questionava o conhecimento do seu interlocutor para que, enfim, este pudesse produzir um novo saber.

No nosso entender, a metodologia EAD se aproxima da postura de Sócrates e se distancia da postura dos Sofistas. O aluno em EAD tem que estar, sempre, se dispondo a aprender.

Para Sócrates, todos detêm o saber, mas estão distanciados deste. Seu trabalho, então, consiste em reaproximá-los desse saber. Temos acesso ao saber por meio de reminiscências, que retomam um saber inato. A forma como isso acontece é própria de cada indivíduo. Se compararmos a postura de Sócrates ao processo de aprendizagem na EAD, podemos deduzir que o trabalho do professor seja apenas fazer com que o aprendiz retome a verdade da qual se afastou por esquecimento.

Orientação de estudos

Planejamento

Devemos lembrar que, este módulo, tem a carga horária de 10 horas, no conjunto de uma disciplina de 30 horas/aula. O modo mais apropriado para distribuir o tempo de trabalho, necessário para o acompanhamento do módulo, se acomoda dentro de uma semana, com duas horas de estudos diários. O aluno poderá trabalhar dentro do tempo que lhe for mais apropriado em sua rotina diária. No entanto, lembramos que a disciplina será disponibilizada para ser trabalhada em três semanas e, independentemente do modo como o aluno decida organizar seu tempo, ao final das três semanas, deverá se submeter a uma avaliação presencial de conteúdo.

Sua organização - Semana 1

| | SEG | TER | QUA | QUI | SEX | SAB | DOM |
|------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| 6 h | | | | | | | |
| 7 h | | | | | | | |
| 8 h | | | | | | | |
| 9 h | | | | | | | |
| 10 h | | | | | | | |
| 11 h | | | | | | | |
| 12 h | | | | | | | |
| 13 h | | | | | | | |
| 14 h | | | | | | | |
| 15 h | | | | | | | |
| 16 h | | | | | | | |
| 17 h | | | | | | | |
| 18 h | | | | | | | |
| 19 h | | | | | | | |
| 20 h | | | | | | | |
| 21 h | | | | | | | |
| 22 h | | | | | | | |
| 23 h | | | | | | | |
| 24 h | | | | | | | |
| 1 h | | | | | | | |
| 2 h | | | | | | | |
| 3 h | | | | | | | |
| 4 h | | | | | | | |
| 5 h | | | | | | | |

Nas primeiras horas de trabalho, o aluno deverá ler a apresentação e a introdução do módulo, a fim de perceber os objetivos a serem atingidos:

- ↘ Comparar o tipo de mestria, apresentado pelos Sofistas, com o tipo de mestria, apresentado por Sócrates;
- ↘ Analisar as implicações de ambas as posturas metodológicas para o processo de aprendizagem e suas ressonâncias para a postura do professor em EAD.

Legenda:

-  Hora vaga
-  30 minutos de estudo
-  Hora de estudo

Carga horária semanal: 10hs

Carga horária total: 30 hs

Para atingir os objetivos propostos, o estudante deverá ter acesso à literatura fundamental para o acompanhamento do módulo, a qual pode ser encontrada no item dos sites relacionados. Nossa sugestão de leitura para a percepção da proposta sofística é o “Elogio a Helena”, de Górgias; e para o acompanhamento da maiêutica socrática, sugerimos a leitura das partes do texto do Mênon, de 82 a

85 b, nas quais Sócrates faz o interrogatório do escravo de Mênon. Essas leituras devem ser acompanhadas dos elementos de reflexão oferecidos no desenvolvimento do módulo. Os textos também podem ser ouvidos no áudio fornecido na sala de metodologia EAD da plataforma moodle ou no DVD da disciplina.

Após a realização dessa reflexão, solicitamos a participação de todos no Fórum sobre o tema mestre antigo, explicitado no campo de atividades do módulo.

Desenvolvimento

Consenso e adesão aos valores convencionais

vide infográfico 2

O discurso pronunciado pelos sofistas era uma espécie de espetáculo, cujo objetivo era a glória do orador, juntamente com o prazer causado nos espectadores. Para tanto, eles usavam a técnica da retórica como arte de falar em público. Um exemplo disso é o “Elogio à Helena”, de Górgias, transcrito por Barbara Cassin:

“*Ordem, para a cidade, é a excelência de seus homens, para o corpo, a beleza, para a alma, a sabedoria, para o que fazemos, o valor, para o discurso, a verdade. O contrário é desordem. Homem, mulher, discurso, obra, cidade, coisa, deve-se ao que é digno de elogio fazer a honra de um elogio, ao que é indigno, aplicar uma blasfêmia, pois blasfemar o elogiável ou elogiar o blasfematório é um igual erro e uma igual ignorância!*”¹

Na primeira parte do discurso, Górgias enfatiza os valores convencionais da sociedade grega, tornando o seu discurso aceitável. São os valores comuns a serem exaltados.

“*É ao mesmo homem que pertence o dizer com retitude aquilo que se deve, e de contradizer aqueles que blasfemam Helena, mulher que parece, em uma só voz e em uma só crença*

1. GORGIAS, “Éloge d’Hélène”, In: CASSIN, B. *L’Éffet sophistique*. Paris: Gallimard, 1995, pp.141-142.

*dos auditores dos poetas e o barulho de um nome que porta memória de infelicidades. Eu, de minha parte, quero, dando lógica ao discurso, fazer cessar a acusação contra aquela da qual se pensa tanto mal, demonstrar que os blasfemadores se enganam, mostrar a verdade e colocar um fim na ignorância”.*²

Na segunda parte, está claro que só depende do orador, Górgias, mudar o consenso sobre Helena. Enquanto na primeira parte do discurso ele se apóia no consenso, na segunda, cria um contra-senso sustentado na “lógica do discurso”. O espetáculo do elogio sofisticado parte de valores e opiniões para, através do jogo de palavras, produzir novas opiniões. São, então, os fundamentos da sua ação:

- A opinião;
- o jogo de linguagem;
- a presença do orador;
- o prazer receptivo do espectador.

A presença do orador e o prazer receptivo do espectador

O prazer causado no espectador, um dos elementos básicos do discurso sofisticado, tem, como fundamento, a emoção. Quanto mais emoção, mais sujeição à sugestão. A sugestão é induzida pela figura do orador; um orador carismático pode suggestionar multidões.³ Assim, partindo dessa premissa, o sofista trabalha com a presença do orador e com o prazer que seu discurso pode despertar em seus espectadores - apoiando-se na opinião e nos jogos de linguagem.

Ao amparar sua ação a partir de jogos de linguagem, o sofista utiliza o *logos*, a palavra, com o objetivo claro de suggestionar o espectador a admitir o que ele, sofista, quer. Dessa forma, o espectador é induzido a reproduzir o *logos* sofisticado e nada mais. O público é, desse modo, seduzido pelas belas palavras de um

2. Ibid, p.142

3. Essa relação entre sugestão, emoção e pensamento é desenvolvida por S. Freud, em seu livro, *Psicologia de Grupos e Análise do Ego*, em especial no capítulo “Sugestão e hipnose”.

O discurso sofisticado, por meio da sugestão, se apóia na presença do orador para induzir o espectador à reprodução do pensamento sofisticado. Partindo desse pressuposto, por analogia, podemos questionar se a ausência de orador, característica do processo de educação a distância, poderia proporcionar um outro tipo de relação com o saber?

eloquente orador que pode sugerir o que bem quiser a esse público receptor. Por conseguinte, **sugestão** e **sedução** apresentam-se profundamente ligadas – aquele que seduz pode sugerir.

Os sofistas, a partir da experiência diária, produzem seus conhecimentos e suas afirmações. Sofistas destacados, como Protágoras e Górgias, estão preocupados em transmitir os seus conhecimentos, em esclarecer as mentes, enfim, em alargar as possibilidades da vida em sociedade. Para isso, questionam tudo. A preocupação em propagar o saber foi um dos aspectos positivos da cultura sofisticada, a partir da qual a educação e a democracia foram valorizadas.

Eis alguns dos sofistas mais citados:

Protágoras: Nasceu em Abdera e morreu em 420 a.C.; participou do governo de Péricles. Trabalhou com o conceito de que o homem é a medida de todas as coisas. Por ter ensinado e obtido êxito, foi agraciado por Péricles. De Protágoras não se conhece muito, mas de sua doutrina, uma frase é o suficiente para se compreender o espírito dos pensadores sofistas. Diz ela: “O homem é medida de todas as coisas; das que são enquanto são e das que não são, enquanto não são” (REALE, 1993, p. 195). Não existe verdade absoluta. O homem é o centro; e ele interpreta o que o sentido lhe traz. Interpreta de acordo com o seu interesse. Assim, o que é mais vantajoso predomina.

Górgias: Nasceu na Sicília, em 490 a.C. e viveu até uma idade bastante avançada. Em sua obra mais importante, “Sobre a natureza”, ou “Sobre o que não é”, declara: “Nada existe; se existisse alguma coisa, não poderíamos conhecê-la; se pudéssemos conhecê-la, não poderíamos comunicar nossos pensamentos aos outros” (REALE, 1993, p. 197). Parte do princípio de que a verdade não existe. Ou melhor, nada existe. As suas preocupações se dão no plano da realidade empírica. Negou a existência do ser e elevou ao extremo, a posição gnosiológica de Protágoras. E assim, do relativismo de Protágoras, chegou-se ao pessimismo gnosiológico de Górgias.

Pródico: Nasceu em Ceos entre 490 e 460 a. C. Foi sofista, no sentido pleno de educador profissional, independente. Teve uma de suas conferências sobre semântica bastante citada. “[...] a técnica que propunha baseava-se na sinonímia, ou seja, na distinção entre vários sinônimos e na determinação precisa das nuances do seu significado.” (REALE, 1993, p. 198). Essa técnica foi benéfica a Sócrates na busca da essência das coisas, com suas interrogações sobre o que é.

Os Erísticos: cogitaram de uma série de problemas que eram formulados de modo a prever respostas tais que fossem refutáveis em qualquer caso; dilemas que, mesmo resolvidos, tanto em sentido afirmativo como negativo, levavam a respostas sempre contraditórias; hábeis jogos de conceitos construídos com termos que, explorando a sua polivalência semântica, enredavam o ouvinte e punham-no em posição de xeque-mate; raciocínios que levavam a conseqüências absurdas (REALE, 1993, p. 234).

Naquilo que é necessário, poder-se-ia dizer que Protágoras cindiu o logos nos dois raciocínios, descobrindo que este diz e contradiz. Górgias rejeitou o logos como pensamento e só o salvou como palavra mágica. Ao mesmo tempo, a palavra em Górgias pode expressar uma coisa e outra, enquanto no contexto histórico-social os Erísticos destacam-se de modo negativo.

Sócrates e o conhecimento

Todas as **aporias** e as incertezas dos sofistas dependiam do fato de terem abordado os problemas do ser humano sem que tenham indagado de maneira adequada sobre a natureza ou a essência do homem. Diferentemente dos sofistas, Sócrates conseguiu oferecer à problemática da essência humana um significado decididamente novo.

A alma, para Sócrates, coincide com a nossa consciência pensante e operante, com a nossa razão e com a sede da nossa

O que é o homem?
A resposta socrática é inequívoca:
o homem é sua alma, uma vez que é a
alma que o distingue
de todas as outras coisas.

atividade pensante e eticamente operante. Platão compreendeu e reafirmou, insistentemente, a superioridade de Sócrates sobre os sofistas, já que, para este, o valor supremo passa a ser o conhecimento, o que revoluciona a tradicional tábua de valores helênicos que os sofistas não conseguiram transformar.

“*Conhece-te a ti mesmo.*”
“*Sei que nada sei.*”

Os imperativos socráticos apontam para os elementos de suas investigações – o homem e os sofistas.

- ∨ Em relação ao homem, Sócrates se preocupa com o homem virtuoso e com a necessidade do conhecimento.
- ∨ Em relação aos sofistas, Sócrates se preocupa com a relatividade do conhecimento, e a relação com a natureza dá-se na dimensão do que é útil.

É pensando no homem e na sociedade que Sócrates combate os sofistas, de acordo com sua proposição filosófica. Em se tratando de sociedade democrática, o resultado final de uma postura na qual quem “fala a seu favor” comanda, seria o fim da democracia e também da liberdade conquistada através do conhecimento racional.

A razão e a verdade em Sócrates

Para Sócrates, a busca pelo saber e pela verdade ensina os homens a serem verdadeiramente felizes. Para conseguir este intento, o seu método foi a **maieutica**.

Assim procedia nas suas investidas visando propagar e expor o conhecimento filosófico:

vide infográfico 1

- Em um primeiro momento, convidava o seu interlocutor para buscar o conhecimento verdadeiro;
- Em um segundo momento, denominado Ironia, Sócrates investia no saber suposto pelo seu interlocutor;
- Por fim, o terceiro momento marca o uso da maiêutica.

"Sei que nada sei"

Na primeira parte do seu método, ao se colocar em condições de igualdade com seu interlocutor, Sócrates inverte a postura dos sofistas, que têm como objetivo transmitir conhecimento. Os sofistas partiam do pressuposto de que já possuíam o conhecimento a ser transmitido. Sócrates, ao se posicionar frente ao seu interlocutor, transforma o discurso sofisticado de caráter monológico e inicia a possibilidade do diálogo. Não se considerando dono do saber, dialoga com seu interlocutor; não ensina, suscita dúvidas, sem oferecer respostas prontas.

A segunda parte do método é marcada pela ironia, que, segundo Reale, "[...] significa, em geral, dissimulação, e no caso específico, indica o jogo múltiplo e variado de disfarces e fingimento que Sócrates punha em ato para forçar o interlocutor a dar conta de si" (REALE, 1993, p. 310). Essa dissimulação leva o interlocutor a uma contradição, despertando-o para uma outra realidade do conhecimento, até então insuspeito. Esta é a máscara com a qual Sócrates se fingia ignorante. Um dos exemplos de ironia utilizada por Sócrates encontra-se no diálogo *O Mênon*:

“*Sócrates: - Confesso-te que não sei nem se a virtude pode ser ensinada, nem se não pode; para dizer tudo, não sei nem sequer o que é a virtude...*

Mênon: [...] é mesmo verdade, Sócrates, que ignoras o que seja a virtude? [...] confesso, caro Sócrates, que não consigo encontrar essa virtude que procuras, essa virtude única, sempre a mesma, e não chego mesmo a concebê-la.

Na terceira parte do método, Sócrates leva o interlocutor a reconhecer sua própria ignorância e, a partir daí, tendo forçado o interlocutor a produzir um saber, o questiona a ponto de atordoá-lo. Mênon sente o drama e chega a dizer: “[...] estou na verdade com o corpo e o espírito entorpecido, a ponto de não saber absolutamente o que responder-te [...]” (PLANTÃO, 1990, p. 77). Novas tentativas se sucedem até que o interlocutor elabore um conceito definitivo que se aproxime do ideal, estratégia com que Sócrates o liberta de sua ignorância.

Quais eram os ganhos daqueles que aceitavam os desafios do método de Sócrates?

Um diálogo

O diálogo do Mênon é exemplar na demonstração do método socrático. Tem seu início com Mênon questionando Sócrates se a virtude é coisa que se ensina, coisa que se adquire pelo exercício, coisa que advém da natureza dos homens ou chega até eles de alguma outra maneira. Sócrates, então, contra-argumenta, esclarecendo que, antes de avaliar, seria preciso saber definir o que é virtude.

Inicialmente, procurando investigar o que é a virtude, Mênon expõe seu pensamento sobre as distintas classes de virtude. Sócrates, por sua vez, expõe o seu pensamento sobre a unidade essencial de todas as virtudes.

A pedido de Sócrates, Mênon esboça a primeira definição geral de virtude como a capacidade de governar. Então Sócrates observa que esta é uma virtude particular.

Menon, então, tenta uma segunda definição geral de virtude, dizendo que esta seria o desejo pelas coisas belas, unido à capacidade de alcançá-las. Sócrates analisa e critica sucessivamente as duas partes desta definição. Mênon e Sócrates debatem acerca da definição de virtude até que Mênon reconhece ter caído em aporia, assim como Sócrates.

Sócrates afirma que, caindo ele próprio em aporia, faz, também, caírem os outros. Porém, após afirmar saber o que é a virtude, ele se

propõe a procurar, junto com Menon, o que seria a virtude.

Surge, então, a aporia sofisticada sobre a impossibilidade de adquirir conhecimento:

“ *E de que modo procurarás, Sócrates, aquilo que não sabes absolutamente o que é? Pois procurarás propondo-te procurar que tipo de coisa, entre as coisas que não conheces? Ou, ainda que, no melhor dos casos, a encontres, como saberás que isso que encontraste é aquilo que não conhecias?*”

Sócrates tenta uma saída da aporia sugerindo que o aprendizado seria como uma lembrança, e que o conhecimento seria como um reconhecimento.

Entramos, então, na segunda parte do diálogo, com a exposição de Sócrates sobre a teoria da reminiscência. Para demonstrá-la, Sócrates dialoga com um escravo de Mênon, a quem fará reencontrar os fundamentos da geometria, que ninguém havia ainda lhe ensinado. Prossegue suas perguntas, retornando a argumentação para a reminiscência, e conclui com sua exposição que estas são as opiniões verdadeiras.

Nova instalação do problema da virtude e do método de investigação que se deve seguir. Analisa as condições hipotéticas necessárias para que a virtude possa ser ensinada.

Sócrates recorre a Anito, e para este a virtude é ensinada por todos os cidadãos virtuosos. Sócrates examina alguns exemplos históricos e demonstra que os homens de maior valor não conseguem ensinar a sua própria virtude a seus filhos. Prossegue a argumentação com Mênon sobre se a virtude é coisa que se ensina e conclui de que a virtude é um dom de Deus.

O problema que persiste é o de saber de onde vem a virtude. Não pode vir de uma ciência, pois não é ciência que se ensina. Para Sócrates, apenas uma forma de conhecimento pode dirigir proveitosamente a conduta do homem – a opinião verdadeira.

O que é a virtude?

- ∖ A virtude é um dom da natureza ou é uma ciência?

Dificuldades apresentadas nas duas hipóteses:

- ∖ Existem mestres da virtude?
- ∖ Existem alunos da virtude?

Conseqüências:

- ∖ É possível ensinar algo para o qual não existem nem mestres, nem discípulos?

Avaliação

Fórum de discussão

Tema – *O mestre antigo*. Nesse Fórum vamos discorrer sobre a postura do mestre na antigüidade clássica.

- ∨ Primeiro sub-tema de Fórum: O Sofista
- ∨ Segundo sub-tema de Fórum: Sócrates

Leituras recomendadas

GUTHRIE, W. K. G. *Os Sofistas*. São Paulo: Paulus, 1995.

PLATÃO. *Ménon*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet; tradução de Maura Iglesias. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Loyola, 2001.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. São Paulo: Loyola, 1993.

VERNANT, J. P. *As origens do pensamento grego*. São Paulo: Difel, 1986.

Sites recomendados

consciencia.org/gorgiashumberto acessado em: MAI/2010

afilosofia.no.sapo.pt/12prog2Plat2b.htm acessado em: MAI/2010

suapesquisa.com/filosofia acessado em: MAI/2010

greciantiga.org acessado em: MAI/2010

filosofia.pro.br acessado em: MAI/2010

pt.wikipedia.org/wiki/Filosofia acessado em: MAI/2010

prof2000.pt/users/amma/af18/t5/menon2.htm acessado em: MAI/2010

www.prof2000.pt/users/amma/af18/t5/menon.htm acessado em: MAI/2010



Um caso na psicanálise

A proposta dessa análise de caso visa ao acompanhamento da crítica lacaniana do tipo de mestria apresentado por Sócrates, além de buscar o entendimento da produção do cartel como efeito da produção do inconsciente a fim de anotar as implicações de ambas posturas metodológicas para o processo de aprendizagem e suas ressonâncias para a aprendizagem na modalidade EAD.

Apresentação

Como vimos no módulo 1, o contexto histórico de Sócrates suscitava discussões que giravam em torno da possibilidade do conhecimento verdadeiro. Como os sofistas duvidavam dessa possibilidade, criaram uma relação pragmática para com a realidade, na qual a palavra é utilizada com função dominadora. Sócrates, por sua vez, retoma a busca do saber verdadeiro. Tivemos oportunidade de acompanhar o modo como ele aborda a relação entre saber e verdade, procurando sair da função dominadora de mestre. Percebe-se, porém, a partir da interpretação feita pelo psicanalista Jacques Lacan ao método socrático, que no discurso daquele filósofo ainda é possível perceber as intervenções do mestre. Sócrates confia na solução dos problemas do homem através do conhecimento racional; Lacan, por outro lado, tem outro pressuposto, de origem inconsciente – o sujeito.

Para apreender o real, Sócrates utiliza a razão por meio do conceito. Diferentemente, para se aproximar do real, Lacan utiliza o imaginário e o simbólico, apreendendo-o em partes, através da linguagem, que se estrutura no inconsciente. Assim, Sócrates e Lacan, com suas descobertas, auxiliaram e auxiliam os homens na busca do saber e da verdade. Esta fronteira torna-se mais evidente quando analisada a partir do caminho tomado por cada um, visando encontrar as soluções para quem delas necessita.

Introdução

Dando sequência ao estudo da posição do mestre diante da aquisição de conhecimento, que, em Sócrates, envolve o saber e a verdade, nesse módulo situamos o contexto em que o psicanalista Jacques Lacan produz o seu saber sobre o tema e apresenta uma crítica a Sócrates.

Para Lacan, não se trata de tentar comparar a condução do diálogo do Mênon com a experiência analítica. Ele argumenta que,

se a experiência presente supõe a reminiscência (Mênon), e se a reminiscência é devida à experiência de vidas anteriores, também, essas reminiscências devem ter sido conduzidas com a ajuda de uma outra reminiscência. Logo tal recorrência não tem motivo para acabar, o que nos mostra que se trata, efetivamente, de uma relação com formas eternas. É o despertar no sujeito que explica a passagem da ignorância ao conhecimento.

No seu entender, a meta e o paradoxo do Mênon consistem em mostrar-nos que a epistemé (conhecimento) não cobre todo o campo da experiência humana e, em particular, que não existe uma epistemé daquilo que realiza a perfeição, a araté (virtude) dessa experiência. O diálogo põe em questão que Mênon não sabe não só o que diz, mas também o que diz a respeito da virtude.

O comentário de Lacan sobre o episódio do escravo refere-se ao engano que este comete, no diálogo, quando tenta achar a verdade sobre a duplicação da superfície de um quadrado, depois de ter se dado conta de que o lado corresponde a certo número de unidades de superfície, utilizando muito apropriadamente a relação $A/B=C/D$. Este procedimento o conduz ao erro de acreditar que, duplicando-se o lado, duplica-se a superfície.

Sócrates, através de desenhos na areia, mostra-lhe que não deve ser daquele modo e o escravo chega ao resultado, com o auxílio da noção dos números. Nesse raciocínio aparece o elemento irracional, $\sqrt{2}$, que não é dado no plano intuitivo. Vê-se, então, a passagem de um plano intuitivo de ligação para um plano simbólico de ligação. Esta demonstração, é o mestre Sócrates quem a efetua.

Nesse exemplo fica evidente a clivagem entre o plano do imaginário ou do intuitivo, no qual funcionam as intuições a priori, e a função simbólica que não lhe é absolutamente homogênea, e cuja introdução na realidade constitui um forçamento.

Para Lacan, a partir do momento em que uma parte do mundo simbólico emerge, ela cria seu próprio passado, mas não no mesmo nível intuitivo. Na confusão dos dois planos é que reside o erro de

Um infográfico do episódio do escravo pode ser acessado na plataforma.

crer que a ciência, constituída por intermédio da intervenção da função simbólica, estava aí desde sempre.

Há, em todo saber, uma vez constituído, uma dimensão de erro, que consiste em esquecer a função criadora da verdade, em sua forma nascente.

Tudo o que se opera no campo da ação analítica é anterior à constituição do saber, isso não impede que, operando neste campo, tenhamos constituído um saber, já que toda ciência surge de um manejo da linguagem que é anterior a sua constituição e, nesse manejo da linguagem se desenvolve a ação analítica.

O pensamento é inconsciente

Para Lacan, “[...] Freud está seguro de que um pensamento está lá, pensamento que é inconsciente” (LACAN, 1979, p. 39).

Ao tratar do tema, Lacan também coloca a origem de toda a realidade do pensamento no inconsciente, que vai se manifestar, num certo momento, junto às formas de proceder do sujeito. O entendimento dessas formas de proceder se dará pelo método da análise, não mais por via da razão, e sim, por exemplo, por meio de sonhos e atos falhos.

Lacan, em seu retorno a Freud, restaura a barra divisória entre o saber e a verdade. Ele atribui à verdade o estatuto de um acontecimento atrelado ao campo da linguagem e enuncia que “o comércio de longo curso da verdade já não passa pelo pensamento”¹, pois a verdade é contrária à astúcia da razão.

O lugar do sujeito pensante e a tradição filosófica

O sujeito do qual nos fala a psicanálise não corresponde ao “eu” das identificações alienantes. De sorte que, a partir de Freud, realiza-se uma distinção fundamental entre o sujeito do inconsciente e o ‘eu’ enquanto substância reflexiva.

1. LACAN, Jacques. A coisa freudiana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 441

A tradição filosófica, ao abordar o sujeito pela via da razão, obtém como produto, um ser consistente, isto é, uma substância pensante. Nesse aspecto, a psicanálise oferece uma outra leitura. Ela reconhece que, o ser falante, ao fazer sua entrada no mundo da linguagem, se inscreve no circuito do mal-entendido, onde já não sabemos mais quem fala.

Vale salientar que, o legado de Lacan se sustenta na tese, segundo a qual, em nenhuma hipótese, o sujeito equivale a uma substância ou à sua consciência.

Orientação de estudos

Planejamento

Como já foi explicitado, este módulo tem a carga horária de 10 horas, no conjunto de uma disciplina de 30 horas/aula. A organização mais apropriada para distribuir o tempo de trabalho necessário para o acompanhamento do módulo é a mesma constante do módulo I.

Desse modo, podemos passar à leitura da apresentação e da introdução do presente módulo visando conhecer os objetivos a serem atingidos:

- › Acompanhar a crítica lacaniana do tipo de mestria apresentado por Sócrates;
- › Buscar o entendimento da produção do cartel como efeito da produção do inconsciente;
- › Analisar as implicações de ambas as posturas metodológicas para o processo de aprendizagem e suas ressonâncias para a aprendizagem na modalidade EAD.

A fim de atingir o primeiro objetivo proposto, o estudante deverá reler as partes do texto do Mênon de 82 a 85 b, nas quais Sócrates faz o interrogatório do escravo de Mênon. Essa leitura deve ser acompanhada da crítica lacaniana, apresentada na

Citamos a observação de Lacan, segundo a qual o método de Sócrates, por mais que elimine o domínio do saber pelo mestre, não elimina a intervenção do mestre no discurso. Para podermos melhor entender a observação de Lacan, acompanhamos a sua referência discursiva. O pensamento de Lacan tem sua base no pensamento moderno de René Descartes, mas, diferentemente da tradição filosófica moderna, Jacques Lacan, baseado na invenção de Sigmund Freud da psicanálise, propõe que o sujeito é inconsciente. Para Lacan, o mestre é o inconsciente, não implicando para o consciente, o lugar da intervenção racional decisiva.

- › Sendo, para Lacan, o saber inconsciente, como se efetiva, no seu entender, a transmissão de saber?
- › Em outras palavras, como se dá, no seu entender, o ensino daquilo que é da ordem do saber, já que o mestre é o inconsciente e o eu consciente não tem domínio da situação?

introdução deste módulo. Devemos entender o motivo que leva Jacques Lacan a considerar Sócrates um mestre que oferece elementos de raciocínio ao escravo, que não teria condições de chegar, sozinho, ao desenvolvimento esperado. O texto do diálogo socrático pode ser acompanhado na sala de metodologia EAD da plataforma moodle ou no EAD da disciplina.

Sua organização - Semana 2

| | SEG | TER | QUA | QUI | SEX | SAB | DOM |
|------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| 6 h | | | | | | | |
| 7 h | | | | | | | |
| 8 h | | | | | | | |
| 9 h | | | | | | | |
| 10 h | | | | | | | |
| 11 h | | | | | | | |
| 12 h | | | | | | | |
| 13 h | | | | | | | |
| 14 h | | | | | | | |
| 15 h | | | | | | | |
| 16 h | | | | | | | |
| 17 h | | | | | | | |
| 18 h | | | | | | | |
| 19 h | | | | | | | |
| 20 h | | | | | | | |
| 21 h | | | | | | | |
| 22 h | | | | | | | |
| 23 h | | | | | | | |
| 24 h | | | | | | | |
| 1 h | | | | | | | |
| 2 h | | | | | | | |
| 3 h | | | | | | | |
| 4 h | | | | | | | |
| 5 h | | | | | | | |

Legenda:

-  Hora vaga
-  30 minutos de estudo
-  Hora de estudo

Carga horária semanal: 10hs

Carga horária total: 30 hs

Como segundo objetivo proposto, pretendemos que o aluno entenda a proposta lacaniana sobre a mestria do inconsciente, fundamentada no dispositivo de base do funcionamento da escola lacaniana: o cartel. Esse pequeno grupo de pesquisa é fundamentado no desejo de cada um de seus participantes. Para a percepção desse processo, sugerimos a audição da entrevista feita com um grupo de cartelizantes de uma escola de psicanálise, disponibilizada na sala de metodologia EAD da plataforma moodle ou no DVD da disciplina, que contém o respectivo vídeo. A escuta dessa entrevista deve ser acompanhada da leitura do texto apresentado no desenvolvimento deste módulo.

O terceiro item do objetivo do módulo é o de analisar as implicações da aprendizagem centrada no mestre, tal como apresenta Sócrates, comparando-a com a aprendizagem fundamentada na mestria do inconsciente, tal como se formaliza na escola fundada por Lacan. Para alcançar este objetivo, o aluno deve refletir e responder às questões apresentadas no módulo e participar do debate sobre o tema no encontro presencial com o tutor.

Desenvolvimento

A década de 60 do século passado foi um período de grandes revoluções que questionaram o pensamento moderno. Em maio de 1968, eclodiu na França um movimento de contestação nascido nas universidades. O movimento adquiriu significado e proporções revolucionárias e expandiu-se rapidamente a outros setores sociais, entre os quais o operariado, pondo em cheque o regime gaullista e desestabilizando o poder do partido comunista. Foi considerado o maior movimento popular da França desde 1936.

Os movimentos desse período, vistos como inventivos, agregaram rapidamente a simpatia de pensadores críticos do stalinismo. O termo “maoísmo” recobriu várias tendências no meio de uma mesma nebulosa. A palavra de ordem maoísta – “servir o



Jean Paul Sartre

Fim do laço orgânico, mantido na França, entre os pensadores de esquerda e o aparelho comunista. Um dos sintomas desse fim foi a adesão de Sartre à causa de 68.²



Mao-Tsé Tung

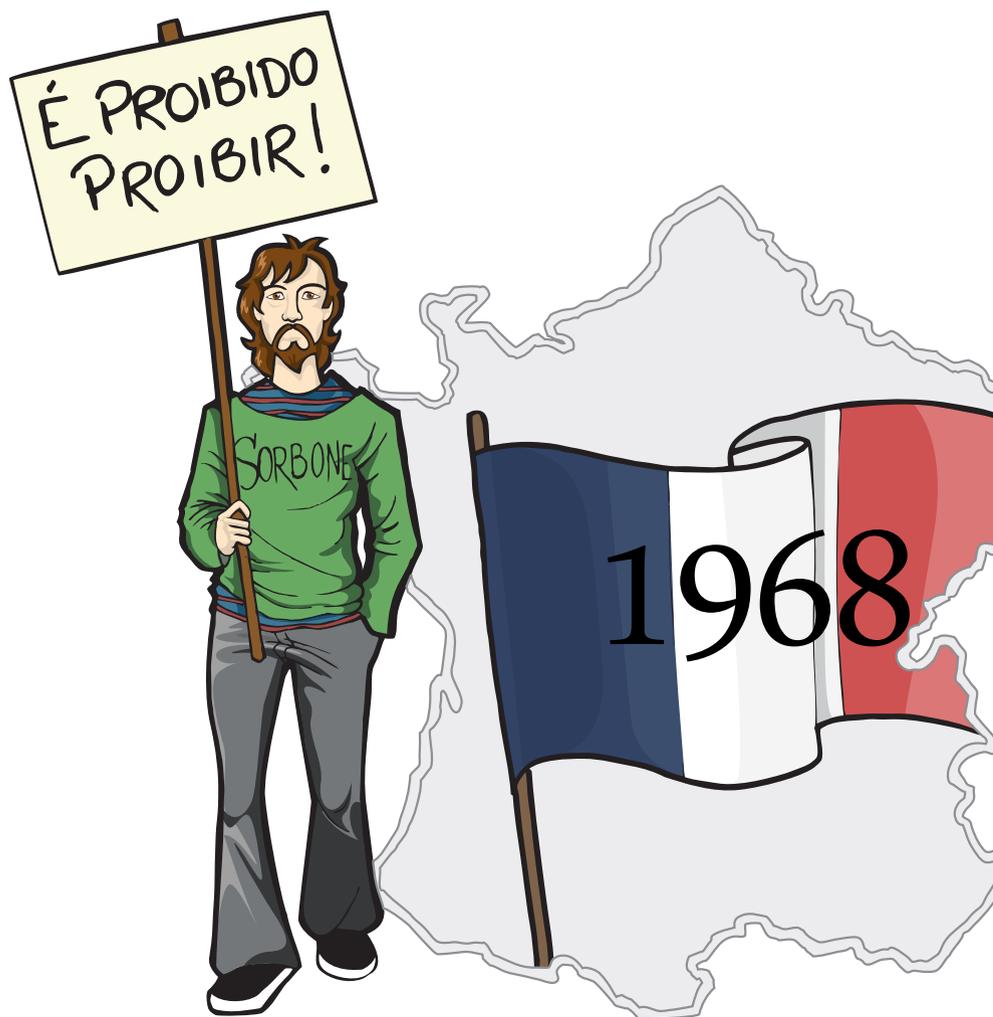
O termo “maoísmo” recobriu várias tendências no meio de uma mesma nebulosa. “Servir o povo” era o que conduzia numerosos jovens intelectuais dessa geração.



Jacques Lacan

Em 1964, em meio a esse movimento insurrecional, Lacan escreve o Ato de fundação de sua Escola de Psicanálise.

povo” – era o que conduzia numerosos jovens intelectuais dessa geração. Os movimentos de maio de 68 liquidaram com o laço orgânico, mantido na França, entre os pensadores de esquerda e o aparelho comunista. Um dos sintomas desse fim foi a adesão de Sartre à causa de 68.²



2. Conferir em: SICHERE, B. **Cinquante ans de philosophie française: les années-structure, les années-revolte**. v. 2, Paris: adpf, 1997, p. 89-103.

Em meio a essa ebulição insurrecional, já em 1964, Jacques Lacan escreve o Ato de fundação de sua Escola de Psicanálise, expondo seus princípios da seguinte forma:

“ *Fundo – tão sozinho como sempre estive em minha relação com a causa psicanalítica – a Escola Francesa de Psicanálise, cuja direção assumirei pessoalmente nestes quatro anos vindouros, nada havendo presentemente que me impeça de tomar esta responsabilidade.*

Esse título em minha intenção representa o organismo onde se deve efetuar um trabalho – que, no campo aberto por Freud, restaura a lâmina cortante de sua verdade – que reconduz a práxis original por ele instituída sob o nome de psicanálise ao dever que lhe compete em nosso mundo – que por uma crítica assídua, aí denuncia os desvios e comprometimentos que amortecem seu progresso ao degradarem seu emprego.

Este objetivo de trabalho é indissolúvel de uma formação a ser ministrada nesse movimento de reconquista. Significa isso que de pleno direito estão para tanto habilitados aqueles por mim mesmo formados, e convidados todos os capacitados a contribuir com a legítima experiência dessa formação.

Os que vierem para esta Escola se comprometem a cumprir uma tarefa submetida a um controle interno e externo. Em compensação eles recebem a garantia de não ser nada poupado para que tudo que fizerem de válido tenha uma repercussão merecida, no lugar conveniente.

Para a execução do trabalho adotaremos o princípio de uma elaboração sustentada num grupo pequeno. Cada um deles (temos um nome para designar estes grupos) será composto de três pessoas pelo menos, cinco no máximo, quatro sendo a medida certa, MAIS UMA encarregada da seleção, da discussão, e da solução a reservar ao trabalho de cada um.

Após certo tempo de funcionamento, os elementos de um grupo receberão proposta de fazer permuta com outro.³[...]

3. LACAN, J - Ata de fundação 21 de junho de 1964. In: Anuário textos estatutários Escola Brasileira de Psicanálise. São Paulo, 1999

O cartel

No texto acima citado, constante do Ato de Fundação da Escola Francesa de Psicanálise, Lacan deixa claro que o princípio adotado para a execução do trabalho da Escola é o de “uma elaboração sustentada num pequeno grupo”, dando, em seguida, as coordenadas deste pequeno grupo, o cartel.

O cartel, sendo o dispositivo próprio para o trabalho de base da Escola, tem como objetivo principal manter viva a causa analítica através da execução de um trabalho que deve ter seu produto, um “produto próprio de cada um”.



O trabalho da Escola

O trabalho próprio da Escola, em sua relação com a verdade, passa pelo cartel.

Em “D’Écolage”, texto de 11 de março de 1980, Lacan formaliza o Cartel, restaurando-o como órgão de base da Causa Freudiana. Sua formalização segue cinco passos:

Primeiro: *Quatro se elegem, para prosseguir um trabalho que deve ter seu produto. Esclareço: produto próprio de cada um e não coletivo.*

Segundo: *A conjunção dos quatro efetua-se em torno de um Mais-Um que, mesmo sendo qualquer, deve ser alguém. A seu cargo está velar por todos os efeitos internos da empresa e provocar sua elaboração.*

Terceiro: *Para prevenir o efeito de cola, permuta deve-se fazer, no término fixado de um ano, dois como máximo.*

Quarto: *Nenhum progresso se deve esperar, salvo o de colocar em céu aberto, periodicamente, tanto os resultados como as crises de trabalho.*

Quinto: *O sorteio assegura a renovação regular dos pontos de referência criados a fim de vetorializar o conjunto*

O mais um

Seguindo o modelo lacaniano, o trabalho será executado em pequenos grupos, cada um deles composto de 3 pessoas, pelo menos, cinco no máximo, e quatro sendo a medida certa, MAIS UMA.

O cartel consiste num pequeno grupo de pessoas que se reúnem em torno de um tema e apresenta características próprias, entre elas a maneira de organização circular de trabalho. Nesse sentido, contraria a tradição escolar, na qual prevalece, como aponta Jacques-Alain Miller, “o curso magistral”⁴ que “se apóia na identificação imaginária do líder”⁵. Dessa forma, haveria nesse tipo de curso, uma hierarquia em que “o serviço prestado seria capitalizado para o acesso a um grau superior”⁶.

O cartel diminui a importância do curso magistral para a Escola de Psicanálise. Nesse caso, não cabe, de modo algum, a idéia de um professor que possa transmitir o saber. Daí o cartel apresentar-se como uma ferramenta muito interessante para o estudo da transmissão de ensino por meio da educação aberta e a distância.

4. MILLER, J.A. Novas reflexões sobre o Cartel. In *O Cartel - Conceito e funcionamento* na Escola de Lacan. Nov. 94/Fev. 95. SP.

5. MAHJOUR, L. Produto próprio de cada um. In *O Cartel - Conceito e funcionamento* na Escola de Lacan. Campus 1995, RJ.

6. LACAN, J. *ibid*, 1999.

Na EAD, o trabalho do próprio aprendiz é o que mais importa. O tutor apenas acompanha o processo, que é desenvolvido pelo próprio aprendiz.

A figura do MAIS UM, no cartel, tem funções muito semelhantes às funções da figura do tutor em EAD. É possível aproximar a função do MAIS UM, em um cartel, com a função do tutor em EAD?

Se feito, quais as implicações para o trabalho de orientação em EAD?

O produto

O produto do Cartel é fruto de um trabalho que tem a responsabilidade de suportar e restaurar “a lâmina cortante da verdade do campo aberto por Freud”, sustentado pela transferência de trabalho. Ao cartel cabe a transmissão da psicanálise. O que isso significa?

Significa que, o efeito do trabalho de cada um, é um “efeito de sujeito”⁷. Efeito de sujeito, nesse caso, é efeito de produção do inconsciente.

PRODUTO NO CARTEL:

- ↘ Há algo do saber psicanalítico, que não pode ser transmitido integralmente, como na ciência, e é sobre esse “algo” que o Cartel tem que trabalhar.
- ↘ À medida em que o Cartel oferece um produto à Escola, ela pode verificar a relação desse produto com a formação de seus analistas.
- ↘ O Cartel visa ao produto de cada um e não o produto coletivo. Seu próprio funcionamento tem, como efeito, a emergência do sujeito.
- ↘ A função de um Cartel é a de transmitir um saber.

O cartel e a EAD

O orientador é mais um entre os aprendizes. Essa é uma posição que todo professor deveria buscar, principalmente o tutor, em Educação Aberta e a Distância, para não perder seu próprio lugar, nem sua referência. Ele deve colocar-se como, apenas mais um, entre os outros aprendizes, ao lidar com a possibilidade de acesso ao saber. A produção do trabalho de orientação acadêmica é a produção de cada um dos aprendizes.

Cada membro do pequeno grupo de orientação tem que incluir sua própria condição de pensamento no processo de aprendizagem. Nesse processo todos devem ser aprendizes: seja o tutor, seja o aluno. Só assim é possível fazer um bom trabalho de orientação. Quando o tutor não tenta ocupar o lugar daquele que pensa que sabe, no momento da orientação, na insurgência de um não-saber, ele vai, junto com o estudante, tentar entender. Nesse momento, abandonando a impostura do mestre, ele vai, junto com o estudante, abrir o livro, procurar as referências, encontrar alternativas, ligar

7. MAHJOUR, 1995.

para o especialista de conteúdo, ali mesmo, na hora da orientação. O que conta nessa proposta educacional é o trabalho de orientação e não o saber estabelecido; e sim a possibilidade de orientar, permanentemente, o processo de aprendizagem.

O tutor faz parte do grupo de trabalho. Cada membro do grupo tem que oferecer o máximo possível de si, desde o início, pois os aprendizes chegam às orientações após terem estudado o material didático e, nesse momento, o tutor deve apresentar estratégias de aprendizagem para compartilhar com o aprendiz aquele saber estudado. O tutor deve ter sempre em mente que o saber produzido nunca vai estar completo, que o grupo nunca vai saber tudo, sempre vai faltar algo mais para saber.

A falta gera a busca pelo saber. Não se domina o saber. É necessário um pouco de satisfação com o que se consegue aprender para continuar buscando a satisfação de querer saber ainda mais. É importante que o tutor tenha essa disposição em relação ao saber para não se perder na proposta de querer saber tudo, pois não é possível, ao ser humano, saber tudo.

O tutor tem que participar de todo o processo, isto é, ele tem que aprender junto com o aluno, tem que orientá-lo, junto com o especialista, mas também orienta a partir de suas próprias escolhas e suas próprias estratégias de ensino e aprendizagem. O material didático produzido para EAD é uma publicação de todos, na qual o principal elemento é a linguagem. O domínio da linguagem EAD é uma das funções básicas do tutor. A essência do processo de aprendizagem em EAD se dá por meio de rede de aprendizagem. No momento em que o professor está produzindo o material, ele está sendo, de certa forma, um orientador. A produção em EAD não tem dono, não é de ninguém, pertence a todo o conjunto. Na verdade, não é uma produção que implique fazer ciência. A própria aula é a produção.

Avaliação

Discussão em grupo com o tutor:

- 、 Qual é o papel do mestre na filosofia de Sócrates e na psicanálise?
- 、 Por que o cartel implica a transmissão do saber em psicanálise?
- 、 Que tipo de posição ocupa o MAIS UM dentro de um cartel?
- 、 O que a transmissão de saber via o cartel pode nos ensinar em relação ao processo de aprendizagem por meio da EAD?

Leituras recomendadas

DESCARTES, R. O discurso do método. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

JAPIASSU, H. F. A crise da razão e do saber objetivo. São Paulo: Letras & Letras, 1996.

KOYRE, A. Estudos de história do pensamento científico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

LACAN, J. Ata de fundação 21 de junho de 1964. In: Anuário textos estatutários Escola Brasileira de Psicanálise 1999, SP.

Sites recomendados

wapol.org/pt/index.html acessado em: MAI/2010

opcaolacaliana.com.br acessado em: MAI/2010

latusa.com.br acessado em: MAI/2010

pt.wikipedia.org/wiki/Sigmund_Freud acessado em: MAI/2010

pt.wikipedia.org/wiki/Jacques_Lacan acessado em: MAI/2010



Um caso na educação

A escola tradicional se encontrava voltada para o passado, preocupada em transmitir a maior quantidade possível de conhecimento acumulado, apresentando-se, portanto, de forma predominantemente intelectualista e livresca. Em 1818, um professor de literatura francesa percebe que a evidência cega de todo sistema de ensino, a necessidade de explicações, não é absolutamente necessária. Ao contrário, a palavra do mestre emudece a matéria ensinada.

Apresentação

Seguindo o estudo da posição do mestre, diante da aquisição de conhecimento, que envolve o saber e a verdade em Sócrates, situamos, no módulo anterior, o contexto em que o psicanalista Jacques Lacan produziu o seu saber sobre o tema e apresentou uma crítica a Sócrates.

Neste módulo, a referência de estudo é o filósofo francês Jacques Rancière, em seu comentário intitulado “O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual”, cujo tema central incide sobre o método de aprendizagem proposto por um professor da Universidade de Louvain, no século XIX, Joseph Jacotot.

Jacotot descobre, por acaso, um método que ele classifica como sendo de emancipação intelectual. De acordo com a proposição, o aluno se emancipa a partir do momento em que pode aprender, sem mestre, apenas pela tensão de seu próprio desejo. Na proposta da emancipação intelectual, o mestre encaminha o aluno para utilizar sua própria inteligência. Nesse contexto, ele critica o método socrático, assinalando que Sócrates não propõe, a partir de seu método, uma emancipação intelectual.

Trata-se, portanto, de mais uma crítica referente ao método socrático, que vem somar-se à crítica lacaniana. É interessante observar que tanto o psicanalista Jacques Lacan, quanto o filósofo Jacques Rancière eram professores universitários na França, durante os acontecimentos ocorridos em maio de 1968, tendo vivenciado a revolução cultural na qual participaram professores e estudantes universitários que questionavam o lugar do mestre. Os reflexos dessa revolução evidenciam-se nas concepções de ensino por estes defendidas, as quais divergem da postura do mestre tradicional da qual Sócrates é um grande representante, se não como o maior de todos eles.

Dessa forma, nossa proposta, neste módulo, é nos familiarizarmos com a crítica de Jacques Rancière ao ensino tradicional e ao método socrático e, também, compararmos a sua proposição com a proposição da educação aberta e a distância.

- › Sócrates questionou a mestria dos Sofistas;
- › Lacan e Rancière questionaram a mestria de Sócrates;
- › De que maneira, o questionamento da postura do mestre pode fundamentar a metodologia EAD?

A EAD, transgredindo a relação espaço/tempo escolar, condicionada pela modernidade, surge como uma possibilidade de repensar processos educativos não fundamentados em modelos tradicionais. Permite, portanto, o questionamento das modalidades tradicionais de ensino, em geral presas a estruturas fixas e complexas, predominantemente conteudistas, intelectualistas e livrescas. Desse modo, ela pode ser diferentemente planejada, assumindo, por conseguinte, novos valores.

Assim pensada, a EAD se afasta do modelo standardizado e massificado de ensino, propiciando interações de diferentes sujeitos em diferentes contextos temporais/espaciais.

A EAD diverge do ensino tradicional pelas suas propostas questionadoras.

Introdução

Ao longo dos tempos, a educação passou por diferentes tipos de organização, variando em natureza e importância em função de interesses e necessidades socioeconômicas das sociedades onde era requerida.

Nas sociedades primitivas não havia escolas, já que a educação era exercida pelo conjunto dos seus membros. A escola institucionalizada, semelhante à que hoje conhecemos, é uma criação burguesa do século XVI. A instituição escolar foi se tornando cada vez mais complexa a partir do Renascimento e da Idade Moderna, com a adoção de um modelo que promove o confinamento dos alunos, a separação por idades, a graduação em séries, a organização de currículos, a adoção de manuais didáticos. Da mesma forma, exige também maior produção teórica dos pedagogos.

A atenção dada à escola foi, assim, decorrente dos interesses da burguesia nascente, que rejeitava a escola medieval, de inspiração

religiosa e excessivamente contemplativa. Passou-se à reivindicar uma escola realista e adaptada ao mundo em transformação.

A escola tradicional encontrava-se voltada para o passado, preocupada em transmitir a maior quantidade possível de conhecimento acumulado, apresentando-se, portanto, de forma predominantemente intelectualista e livresca. Em um mundo ainda de certa forma estável, a educação era feita a partir de modelos ideais.

As críticas a essa escola surgiram a partir da impossibilidade de se continuar pensando em modelos tradicionais de ensino. Daí, a extrema importância da formação do professor e de sua conscientização a respeito da educação, como prática social transformadora. É preciso que ele tenha, aliado à competência técnica, um compromisso político. Essas condições o orientam na escolha das prioridades em educação, tanto no que diz respeito ao conteúdo a ser transmitido, quanto à maneira de ensinar.

O modelo de ensino tradicional facilita a sugestão e, portanto, nos impede de assumir de uma postura crítica, diante de uma proposta de transmissão de saber. Quanto menos pensamento, mais sujeição à sugestão. A sugestão pode ser induzida pela figura do orador, do líder, do professor. Um orador carismático pode suggestionar multidões. Assim, assumir uma postura direcionada pelo líder implica sujeição à sugestão.

“ *Ninguém educa ninguém, os homens se educam entre si mediatizados por seu mundo.*” Paulo Freire (1975)

Orientação de estudos

Planejamento

Este módulo, como os anteriores, tem a carga horária de 10 horas no conjunto de uma disciplina de 30 horas/aula. Já comentamos, nos módulos anteriores, sobre a organização do tempo de trabalho necessário para o acompanhamento do mesmo.

Assim, podemos passar à leitura da sua apresentação e da sua introdução, a fim de perceber os objetivos a serem atingidos:

- ∨ Acompanhar a crítica elaborada pelo filósofo Jacques Rancière ao tipo de mestria apresentado por Sócrates;
- ∨ Entender a proposta da educação emancipadora de Joseph Jacotot, apresentada por Jacques Rancière;
- ∨ Comparar o método da emancipação intelectual de Joseph Jacotot com o método de Paulo Freire;
- ∨ Analisar as implicações, para o processo de aprendizagem, das distintas posturas metodológicas apresentadas, assim como suas ressonâncias para a aprendizagem na modalidade EAD.

O primeiro objetivo do presente módulo é o de analisar as críticas referentes à aprendizagem centrada no mestre, tal como a apresentada por Sócrates, em comparação com as propostas emancipadoras de ensino e de aprendizagem, como as apresentadas por Jacques Rancière e por Paulo Freire.

O segundo objetivo é o de comparar as propostas metodológicas acima explicitadas, relativas a uma educação emancipadora à metodologia EAD, a fim de situá-las em um modelo não-tradicional de ensino e de emancipação da aprendizagem.

Lembramos que, para fazer essas comparações, o aluno deve retomar o texto do diálogo socrático, que pode ser acompanhado na sala de metodologia EAD da plataforma moodle ou no DVD da disciplina. Além disso, ele deve acompanhar os depoimentos dos tutores em EAD disponibilizados no DVD da disciplina. Esse estudo deve ser acompanhado da leitura do texto apresentado no desenvolvimento do módulo.

Para atingir esse objetivo, o aluno deve refletir e responder às questões apresentadas no módulo e participar do debate sobre o tema no encontro presencial, com o tutor. As respostas às questões devem ser dissertativas.

Na seqüência, solicitamos a participação do aluno no Fórum sobre o tema “mestre contemporâneo”, conforme explicitado no campo de atividades do módulo.

Sua organização - Semana 3

| | SEG | TER | QUA | QUI | SEX | SAB | DOM |
|------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| 6 h | | | | | | | |
| 7 h | | | | | | | |
| 8 h | | | | | | | |
| 9 h | | | | | | | |
| 10 h | | | | | | | |
| 11 h | | | | | | | |
| 12 h | | | | | | | |
| 13 h | | | | | | | |
| 14 h | | | | | | | |
| 15 h | | | | | | | |
| 16 h | | | | | | | |
| 17 h | | | | | | | |
| 18 h | | | | | | | |
| 19 h | | | | | | | |
| 20 h | | | | | | | |
| 21 h | | | | | | | |
| 22 h | | | | | | | |
| 23 h | | | | | | | |
| 24 h | | | | | | | |
| 1 h | | | | | | | |
| 2 h | | | | | | | |
| 3 h | | | | | | | |
| 4 h | | | | | | | |
| 5 h | | | | | | | |

Legenda:

-  Hora vaga
-  30 minutos de estudo
-  Hora de estudo

Carga horária semanal: 10hs

Carga horária total: 30 hs

Desenvolvimento

Por uma educação emancipadora

Em 1987, o filósofo Jacques Rancière, professor emérito do Departamento de Filosofia da Universidade de Paris VIII, escreveu um livro intitulado “O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual”. O livro foi baseado nas conseqüências extraídas da experiência inusitada de Joseph Jacotot, professor de literatura francesa, da Universidade de Louvain (Bélgica).

Professor universitário, desde 1789, as condições do acaso levaram Jacotot ao exílio na Holanda, em 1818. É, então, convidado a ministrar cursos de literatura francesa para alunos holandeses que não conheciam a língua francesa, enquanto ele, por seu turno, também não dominava a língua holandesa. Nessas circunstâncias, como poderia desempenhar sua função, ministrando aulas de literatura francesa em língua francesa? Ocorre que àquela época era publicada na Bélgica uma revista bilíngüe intitulada *Télémaque*, por meio da qual o professor Jacotot vislumbrou uma possibilidade de estabelecer uma comunicação inicial com os estudantes. Fazendo-se entender com a ajuda de um intérprete, Joseph Jacotot solicitou aos alunos que tentassem ler o texto francês com o auxílio da versão holandesa, a fim de realizarem posteriormente uma atividade. A atividade proposta consistia em relatar a todos, ao término da leitura, o que haviam compreendido. Além disso, deveriam escrever, em francês, o que pensavam a respeito daquilo que haviam lido. Jacotot acreditava que os alunos não conseguiriam fazer quase nada. Por isso, ficou bastante surpreso quando constatou que eles se saíram muito bem, tão bem que pareciam ter freqüentado durante algum tempo um curso de língua francesa.

Essa resposta inesperada provoca uma revolução no pensamento de Jacotot. Até aquele momento ele acreditava ser papel do mestre transmitir seus conhecimentos aos alunos a fim de educá-los. No seu entender, o ato essencial era a explicação. Com trinta anos de

prática de ensino, era desse modo que ajuizava o papel do professor no processo educacional. Contudo aquela experiência inusitada transformou subitamente suas concepções pedagógicas, uma vez que ele não tinha dado nenhuma explicação aos seus alunos que, mesmo assim, conseguiram aprender.

A experiência de Joseph Jacotot pode ser comparada à experiência de Champollion ao decifrar os hieróglifos egípcios, ao compará-los com o texto em grego escrito na Pedra da Rosetta. Ambos utilizaram uma terceira língua para mediar uma possível tradução entre duas línguas desconhecidas.

A partir daquele momento, Joseph Jacotot percebeu que a evidência cega de todo sistema de ensino – a aprendizagem vinculada a explicações – não é, absolutamente, necessária. Ao contrário, a palavra do mestre emudece a matéria ensinada.

A lógica da explicação obscurece a matéria a ser ensinada, pois um livro é composto de um conjunto de raciocínios destinados a fazer compreender uma matéria. No momento em que o mestre toma a palavra para explicar o livro, ele faz um conjunto de raciocínios para explicar o conjunto de raciocínios que constitui o livro. A lógica da explicação comporta o princípio de uma regressão ao infinito, a partir da qual, o desdobramento de raciocínios não tem razão para parar. O elemento que pode interromper a regressão ao infinito se dá pelo fato de o explicador ser o único juiz da explicação – fato que demonstra o poder do mestre.

A explicação é apresentada como o grande mito da pedagogia, “a parábola de um mundo dividido em espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e imaturos, capazes e incapazes, inteligentes e bestas” (RANCIÈRE, 1987, p. 16).

O gesto inaugural do mestre explicador é, de um lado, o de decretar o início do ato de aprender, do outro, o de velar a ignorância, que ele mesmo se ocupa de retirar. O mito pedagógico divide o mundo em dois ao propor dois tipos de inteligência: superior e inferior. Isso permite ao mestre transmitir seus conhecimentos adaptando-os às capacidades intelectuais do aluno e verificar se o aluno entendeu o que ele ensinou. Esse é o princípio da explicação que, para Jacotot, é o princípio do emburrecimento.

Jacotot descobriu, por acaso, um método que deixa o aluno em um lugar de igualdade diante do mestre, pois, desse modo, o aluno pode aprender sem mestre, tão somente, pela tensão de seu próprio desejo. Sua proposição é a de um mestre emancipador, que percebe que, para aprender, basta haver a vontade do aluno, em um ato de inteligência, que só obedece a si mesma. Levando em

conta a oposição pedagógica entre ciência e ignorância, o mestre emancipador só pode ser um mestre ignorante, já que, desse modo, o aluno não pode ocupar o lugar do ignorante. Ao ensinar aquilo que ignora, o mestre encaminha o aluno para utilizar sua própria inteligência. A emancipação se dá quando cada um toma ciência de sua capacidade intelectual e decide utilizá-la. O mestre ignorante exige do aluno que este prove que aprendeu, pois toda a sua prática de ensino se resume na questão: o que você pensa?

Sócrates

Para Jacotot, o método do mestre emancipador difere, radicalmente, do método socrático. Ao comentar o diálogo do Mênon, ele sugere que, por meio de suas interrogações, Sócrates leva o escravo de Mênon a reconhecer as verdades matemáticas que estão nele mesmo. No entanto, acredita Jacotot, se, com esse procedimento, torna-se possível encontrar um caminho para o saber, o mesmo não acontece quando se trata de encontrar um caminho para a emancipação. O escravo de Mênon continua escravo, sem sair dessa condição, visto que Sócrates não pretende que ele aprenda, deseja tão somente ilustrar a sua proposta. Ao invés de propiciar a emancipação do escravo, Sócrates o toma pela mão para que ele possa encontrar o saber em si mesmo. A demonstração do seu saber é, ao mesmo tempo, segundo Rancière, a demonstração de sua impotência para caminhar sozinho. Sócrates interroga um escravo que deve permanecer na condição de cativo.

O método socrático, aparentemente tão emancipador, representa para Jacotot a forma mais refinada do emburrecimento. Para ele, Sócrates age como um mestre de carrossel, que comanda as evoluções, as marchas e as contramarchas. A cada volta, a mente chega a um lugar, mesmo sem perceber o lugar de partida. O aluno se espanta, segue seu guia, se admira, em uma admiração que o emburrece. O aluno sente que não pode seguir esse caminho sozinho, mas apenas guiado pelo mestre. Na proposta de Jacotot,

Como todo mestre sábio,
Sócrates interroga para instruir.

Para Jacotot, o socratismo é a forma
perfeita do emburrecimento.

quem quer emancipar um homem deve interrogar à maneira dos homens e não à maneira dos sábios.

O mestre emancipador deve interrogar para ser instruído e não para instruir.

Paulo Freire e a pedagogia da autonomia

Se Jacotot aponta para o método de ensino “emburrecedor”, Paulo Freire critica e recusa o que ele nomeia como método de ensino “bancário”.

Representante de um período marcado, por um lado, pelo autoritarismo e opressão da ditadura militar do Brasil, e por outro, pelo surgimento de vários movimentos sociais de resistência e emancipação, Paulo Freire propõe um projeto dialogal entre as lutas sociais e as grandes questões humanas que influenciavam, diretamente, as vivências cotidianas do povo. Acadêmica ou popular, a educação, em Freire, está alicerçada nos seguintes pilares:

- ∨ A educação popular é a mais forte expressão de renovação pedagógica porque se alimenta das lutas sociais, através dos movimentos de libertação humanos;
- ∨ A educação não pode ser conteudista e nem transmissível. Freire combate a idéia de um professor ‘ensinante’. Para ele, a educação é uma conduta dialógica, que não combina com depósitos de conhecimentos alienantes ou críticos, que são aplicados através de conteúdos e lições às pessoas, como se fossem conta bancária;
- ∨ A educação é um longo processo de conscientização. A consciência é, entretanto, resultado de um processo dialógico entre as práticas sócio culturais e políticas e as experiências de vida individuais, sobretudo nos movimentos de libertação.

A idéia freiriana de que “as pessoas se educam entre si mediatizadas pelo mundo” indica a postura do educador, que ousou afirmar que, ninguém educa ninguém ou que ninguém educa a si

mesmo, pode ajudar a desenvolver ou a conceber o novo papel da EAD.

Engajada na tentativa de democratizar o ensino brasileiro, visando a atender uma demanda historicamente excluída, inaugura-se a prática da EAD, cujo objetivo, além de democratizar o ensino, é promover justiça social, inclusão dos menos favorecidos, bem como emancipação e solidariedade. A EAD pretende transformar relações de hierarquia e autoridade numa nova forma de educação, que amplia os sentidos, é mais envolvente, mais clara e mais interativa, e na qual o conhecimento é apresentado numa relação teórico/prática, considerando que o saber docente não é apenas prática.

No curso de Pedagogia, Séries Iniciais do Ensino Fundamental na modalidade à Distância, oferecido pela EAD de 2003 a 2008, uma professora leiga que passou a ser aluna, a Professora Tânia Bandeira, descreve o curso, da seguinte maneira:

“ Compreendi que o curso não consistia apenas na transmissão pura e simples de conteúdos, mas em propostas que conduziam os projetos de uma educação permanente, de maneira a provocar mudanças no comportamento social e profissional, e que ninguém aprende no lugar de ninguém e que não há aprendizagem que não seja uma auto-aprendizagem. E mais: a qualidade e eficiência do curso é comprovada quando percebemos que aprendemos a manejar conflitos, clarificar sentimentos e comportamentos, respeitar opiniões, tolerar divergências, detectar tentativas de manipulações, a usar o conhecimento em benefício próprio, em benefício do outro e principalmente em benefício do aluno, enfim me encontro melhor como pessoa e profissional.”

Assim, a educação a distância, atinge a população historicamente excluída, procurando virar a página da história da educação no Brasil, estruturada como um privilégio de poucos, que caracteriza a exclusão social perpetuada até os dias de hoje.

EAD

A experiência pedagógica de Jacotot é bastante interessante, quando pensada no contexto da EAD, pois ele se depara com uma situação em que é forçado a abrir mão da função de mestre explicador. Ele deixa seus alunos aprenderem, pelo estudo do livro. Ele não os deixa a sós, oferece o material e depois pergunta sobre o que eles pensaram, a partir do material oferecido. Dessa experiência, ele retira uma proposta pedagógica nomeada “educação emancipadora”. O aluno emancipado pensa. A EAD apresenta um campo de possibilidades para, tal como Jacotot, apostar em uma educação emancipadora, como o fez Jacotot.

Quando pensamos em uma educação emancipadora, a referência fundamental é Paulo Freire. Margarita Victória Gómez escreve um livro, publicado pelo Instituto Paulo Freire, sob o título, “Educação em Rede: uma visão emancipadora”. A base de sua proposta, no contexto da Educação a Distância, é fundamentada nos princípios básicos da educação popular de Paulo Freire, imbricando a dimensão política da educação, a organização social dos homens a partir de seus saberes, o pronunciamento, a metodologia dialógica e a permanente relação texto-contexto.

“ Paulo Freire foi um dos primeiros educadores que entendeu que a educação se realiza em outros lugares, além da escola. A alfabetização, a leitura e a escrita, nos lugares públicos ampliados de educação, são elementos fundamentais para a conscientização, a cidadania (pois ela no sentido freireiano já é cidadã) e o pensamento libertador, em um trabalho compartilhado.” (GÓMEZ, M. V., 2004, p. 66)

A EAD contribui com um processo educativo diferenciado, que não se baseia na técnica da retórica, eliminando, assim, um de seus efeitos possíveis: a sugestão. Nesse sentido, ela elimina a facilitação da sugestão na transmissão, cortando, dessa forma, o efeito sofisticado

que pode causar a presença do orador e a conseqüente emoção causada ao espectador.

Outras metodologias podem facilitar diferentes propostas de aprendizagem. A proposta da EAD implica um novo estilo de pedagogia que favorece tanto as aprendizagens personalizadas quanto a aprendizagem coletiva em rede.

O papel do professor muda. Em EAD, ele não se apresenta mais como um transmissor de conhecimentos. O livro, a tela da web ou as outras mídias fazem isso por ele.

É uma grande ilusão pensar que a aula presencial prescinde de mediação. Desde que um professor, em sala de aula presencial, utiliza um livro, ele está, de algum modo, utilizando uma modalidade de ensino a distância, pois o livro é uma tecnologia que permite transmitir uma mensagem a distância do emissor.

O papel do professor, na EAD, é o de ser um animador da inteligência e um incentivador da aprendizagem e do pensamento. Sua atividade é, então, centrada no acompanhamento e na gestão de aprendizagem.



O professor passa a ter o papel de orientador. Por sua vez, o ensino não é centrado no professor e a aprendizagem é centrada no aluno.

O aluno aprende e o professor não ensina e sim orienta o aprendizado do aluno.

O trabalho do aluno com o conteúdo não se restringe à posição de um receptor passivo. Diferentemente, em EAD o aluno é um transformador e autor daquele conteúdo. Ele não é, pois, um mero executor de tarefas, determinadas por equipes de trabalho, mas, sim, um importante participante de um projeto comum de formação.

A EAD, Educação Aberta e a Distância, é uma modalidade no campo da Educação, que oferece possibilidades de criação de novos ambientes de aprendizagem. Isso porque ao incluir, no processo educativo, a distância entre professor e aluno, cria automaticamente a necessidade de tecnologias mediadoras. Contudo, a distância implicada não é, necessariamente, impessoal, fria e desumanizada. O imaginário tradicional circulante sobre a EAD, com a figura de um aluno solitário diante de um computador, não se aplica a esse contexto. É claro que a educação a distância poderia estar em sintonia com uma proposta de educação reprodutiva e tecnicista. Contudo, a solidão típica da sociedade contemporânea não mostra o retrato da EAD, que, em sentido contrário, tende à retomada de condições humanizadoras perdidas na sociedade tecnicista. Pode parecer paradoxal abordar o tema da humanização no âmbito de uma modalidade educacional que implica distância e tecnologia. Mas humanizar não significa abandonar a técnica. Na realidade, a humanização impede que a técnica tome o lugar preponderante na relação do ser humano com o mundo, desumanizando-o.

A produção de conteúdo é uma tarefa de cada um dos atores envolvidos no processo de aprendizagem. Desse modo, os alunos que trabalham na modalidade EAD participam da produção de conteúdo a partir dos princípios próprios dessa modalidade, ou seja, a aprendizagem coletiva em rede e a participação do aluno como transformador e autor do conteúdo.

É claro que, para que o professor renuncie ao papel de mestre que transmite o saber, assumindo o lugar de orientador da aprendizagem numa proposta, como preconiza Jacotot, emancipadora, então certamente algumas mudanças de pensamento devem ocorrer.

Avaliação

- ↘ Compare a postura do mestre instrutor com a postura do mestre emancipador e aponte as diferenças entre as duas?
- ↘ Compare a proposta de uma educação emancipadora com a proposta de ensino e aprendizagem na modalidade EAD e aponte as congruências?

Fórum de discussão

Tema – *O mestre contemporâneo*. Nesse Fórum vamos discorrer sobre a postura do mestre na nossa contemporaneidade.

- ↘ Primeiro sub-tema de Fórum: O instrutor
- ↘ Segundo sub-tema de Fórum: O emancipador

Leituras recomendadas

ARANHA, M. L. A. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Moderna, 1989.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

— *Pedagogia do Oprimido: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

GOMES, M. V. *Educação em Rede: uma visão emancipadora*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.

RANCIERE, J. *Le maître ignorant: cinq leçons sur l'emancipation intellectuelle*. Paris: Fayard, 1987.

Sites recomendados

www.paulofreire.org acessado em: MAI/2010

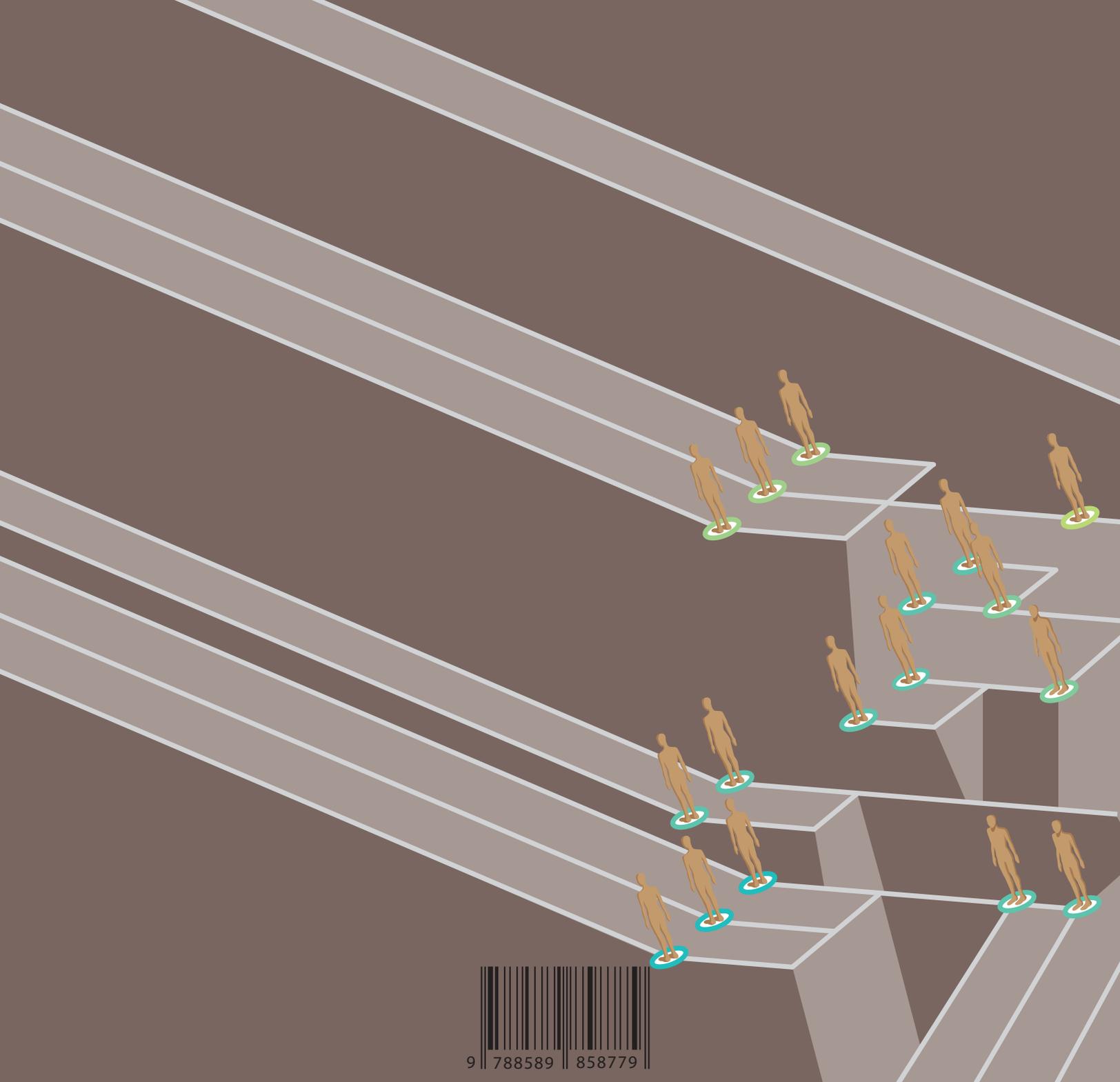
www.paulofreire.org.br acessado em: MAI/2010

pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Freire acessado em: MAI/2010

Claudia Murta

Nasceu em Vitória, ES. Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (1989), mestrado em Filosofia a pela Universidade Federal de Minas Gerais (1992), mestrado em Lieux et Transformations de la Philosophie pela Université de Paris VIII (1993), doutorado em Lieux et Transformations de la Philosophie pela Université de Paris VIII (1997), especialização em Educação a Distância UFES/UFMT (2001).

Atualmente é professora adjunta do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (Graduação e Mestrado). Coordenadora de pesquisa do Núcleo de Educação Aberta e a Distância da UFES. Tem experiência na área de Filosofia e na área de Psicanálise. No campo da EAD, publicou o livro Dimensões da humanização: filosofia, psicanálise, medicina", em 2005, pela EDUFES; "Metodologia EAD" em 2008, "Filosofia a da Ciência" e "Humanização, Vida e Morte" em 2009.



9 788589 858779



www.neaad.ufes.br
(27) 4009 2208

